

# JUVENTUDE E CULTURA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DA “CULTURA JUVENIL” NA FORMAÇÃO POLÍTICA DA JUVENTUDE

Thaysi Poliani Ribeiro Melo \*  
Maria Aparecida Tardin Cassab \*\*

## RESUMO

Compreender de que forma as experiências dos jovens em torno de ações de cultura estimula sua formação e ação política, é o objetivo primeiro deste trabalho. Não há como entender a questão da juventude de forma independente de tantos outros fatores. Desta forma, a cidade e o cotidiano ganham relevância neste estudo, pois, é na cidade e nas relações cotidianas que a juventude se configura e estabelece suas redes de sociabilidade. Ser jovem é vivenciar experiências comuns em um determinado momento histórico, entendendo-a através de uma perspectiva geracional e compreendendo seu caráter histórico e dinâmico. Assim, é o ideal de ruptura com o *status quo* que move as ações cotidianas e são elas a aliança que se vislumbra neste trabalho, principalmente em relação às ações culturais inseridas na cotidianidade dos jovens. Quanto mais restrita for a mobilidade do jovem, menor será sua capacidade de questionamento e de vislumbrar possibilidades, o que interfere diretamente em suas formas de organização política.

**Palavras-chave:** Juventude, Cultura, Cotidiano e Ação- Política

## 1 Introdução

É na década de 50 que surgem, no Brasil, as primeiras manifestações identificadas como de uma “cultura jovem”. Estas manifestações, destacam-se pela importância da questão cultural tanto do social ao econômico, como do político à construção ideológica de um sistema. “A juventude encontra na cultura uma forma de afirmação de identidade, um modo de ser vista e reconhecida pela sociedade que tanto a marginaliza” (CASSAB, et al 2008).

Inseridos num contexto histórico complexo, de exasperação do individualismo, competitividade, imediatismo, como ficam estes jovens, reunidos em ações coletivas e em torno da “cultura juvenil”? Quais as possibilidades e limites para sua ação e formação política nestes espaços? As manifestações artísticas destes jovens têm lhes proporcionado maior mobilidade e ampliado sua rede de sociabilidade ou tem restringido ainda mais seus fluxos e demonizado suas formas de expressão?

---

\* Graduada em Serviço Social - UFJF - Bolsista de Iniciação Científica (PROBIC/FAPEMIG)

\*\* Professora Orientadora da Faculdade de Serviço Social - UFJF - cassab@powerline.com.br - Faculdade de Serviço Social – Campus Universitário de Martelos – Cep: 36036-330 – Juiz de Fora – MG; Brasil; Tel.: (32) 2102-3569

No intuito de responder a estes questionamentos e traçar possíveis caminhos em relação a esta temática, é que se ressalta o conceito de juventude e sua inserção no mundo capitalista. Assim como, categorias de suma importância para o entendimento desta análise, sendo elas: cidade, urbano e espaço, que possibilitam desdobramentos acerca das formas de mobilidade e permanências destes jovens. Cotidiano, como espaço da ação, seja ela de reprodução ou criação de redes sociais, enfatizando a noção de “contra-espaço” como um campo de correlação de forças e possibilidade de ruptura no espaço territorial. O estudo sobre os conceitos de Cultura e sua significação no desenvolvimento de uma determinada ordem social, tendo em vista os conceitos de hegemonia e ideologia, é também de suma importância neste levantamento bibliográfico.

Por fim, a pesquisa toma contornos mais nítidos a partir do trabalho de campo desenvolvido - dos aspectos metodológicos à análise dos dados - com o objetivo de proporcionar uma maior compreensão acerca da temática desenvolvida, trazendo à tona exemplos e experiências vivenciadas pela juventude juizforana envolvida em diferentes formas de expressão artística no município.

## 2 Metodologia

O caminho metodológico adotado neste trabalho contou com dois movimentos estratégicos. O primeiro tratou-se de um levantamento bibliográfico, a fim de viabilizar um acúmulo teórico que possibilitasse a articulação necessária entre os eixos abordados no decorrer desta pesquisa. As principais categorias trabalhadas foram: juventude, geração, cotidiano, cidade, urbano, espaço e contra-espaço, cultura, hegemonia, ideologia e “cultura juvenil”, ação política e desigualdade social.

A segunda estratégia metodológica consistiu na realização de um trabalho de campo, que buscou mapear organizações juvenis em torno da cultura e suas formas de formação e ação política no município de Juiz de Fora. Para este levantamento foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, divididas em questionários individuais e coletivos, sendo o primeiro mais voltado para levantamento de dados referentes a informações do jovem entrevistado e sua condição sócio-familiar. O segundo refere-se a questões sobre o grupo de uma forma geral, levando-se em conta principalmente a subjetividade destes jovens em relação à sua experiência coletiva. Os três grupos entrevistados, totalizando 21 jovens, foram escolhidos de forma alheatória.

O primeiro grupo entrevistado, chamado “Twister Style Crew”, contou com a presença de sete jovens, entre eles apenas uma mulher, que se mostrou um pouco mais retraída, diferentemente dos outros membros que em sua maioria foram bastante participativos. O segundo grupo foi realizado no bairro Santa Efigênia, através da interlocução da Casa de Cultura Evalton Vilela, com jovens participantes das atividades sócio-educativas da instituição, a entrevista contou com a participação de nove jovens, dentre eles apenas um rapaz. O terceiro grupo foi realizado com a banda “Mariada”, composta por cinco jovens, todas mulheres. O que se destaca neste grupo é que dentre os membros apenas uma não tem o ensino superior, devido à questão etária.

Para traçar o perfil dos jovens entrevistados diversas variáveis foram abordadas, como por exemplo, idade, sexo, local de moradia, escolaridade, com quem mora, estado civil, escolaridade dos pais, lazer preferido etc.

Assim, de uma maneira geral, a maior parte dos jovens entrevistados formam o seguinte perfil: têm 17 anos, são do sexo masculino e solteiros. Estão cursando (ou já terminaram) o ensino médio na rede pública de educação. Moram com os pais em moradia própria, nas zonas sul e central da cidade. Tem uma renda familiar em torno de 2 salários mínimos e nunca trabalharam. O lazer preferido é a dançar, acessam a internet, assistem TV e praticam algum tipo de leitura diariamente.

### 3 Resultados e Discussão

A produção teórica desta pesquisa foi enriquecida pelo trabalho de campo. E os questionamentos nele presentes dão margem para se traçar, mesmo que minimamente, o perfil destes jovens e o que eles pensam, com enfoque na temática aqui abordada. Desta forma, segue abaixo alguns resultados e discussões pertinentes.

O surgimento dos grupos, de uma forma geral, se deu mediante interesses dos próprios integrantes, inicialmente nenhum fator externo foi determinante para esta formação. Leva-se em conta o caso da Casa de Cultura, que já existia antes mesmo do grupo de jovens que lá se reúnem, mas de igual valor, a participação dos jovens apresenta o mesmo caráter dos demais.

A freqüência com que se encontram reflete exatamente as formas de organização do tempo da sociedade em que se inserem. Na correria do dia-a-dia, entre um dever e outro, estes jovens se esforçam para conciliar suas atividades culturais com os afazeres cotidianos, como por exemplo, o trabalho e o colégio. O que faz com que seus encontros fiquem restritos a um curto tempo no período noturno ou aos finais de semana.

Nos relatos dos três grupos pode-se perceber que seus ídolos estão diretamente relacionados ao tipo de atividade que os jovens realizam, ou seja, para o grupo de Hip-Hop são os “B-Boys”, para o grupo da Casa de Cultura são bailarinas profissionais, para a banda, artistas da Música Popular Brasileira. Com exceção deste último grupo, os demais citam ícones norte-americanos como pessoas em quem se espelham. Levando-nos a uma interpretação sobre a incorporação dos valores e regras divulgados pelos EUA, tomado pelos jovens como modelo absoluto de comportamentos, consumo e estética. Fazendo com que o domínio norte-americano extrapole o âmbito econômico.

Quando indagados sobre o principal motivo que os fizeram escolher este tipo de manifestação cultural, as respostas se voltam principalmente para uma questão de habilidade. Sendo algo que acreditam fazer de melhor, torna-se mais fácil obterem êxito naquilo que fazem, abrindo espaços para um auto-conhecimento e uma auto-afirmação diante da sociedade.

O território e as atividades cotidianas são um local de conflitos sociais e de disputa de poder. Desta forma, vale ressaltar a questão da publicização do trabalho que realizam, e a apropriação que fazem do espaço público. A título de exemplificação: “A gente não tem nem espaço pra dançar, a gente tem que dançar na rua”. O grupo relata passagens em que enquanto dançavam, outras pessoas chegaram a apagar as luzes da galeria, passaram e os chamaram de macacos, chegando a deixar para eles uma caixa cheia de bananas. Mas apesar do preconceito eles não deixaram de treinar e travar suas “batalhas” num espaço que é público e de direito deles freqüentarem.

Em contrapartida ao reconhecimento que buscam, os jovens foram indagados sobre qual a importância do grupo e das atividades que eles realizam, para a sociedade?

“O breack ele foi criado, assim, ele foi criado para as pessoas brigarem, uma pessoa lá nos EUA via as pessoas brigando e começou a falar, é, vamos parar com isso ai e vamos dançar. Então a dança ela é uma briga, só que disputada na dança”.

“Existe rivalidade entre os grupos, mas esta rivalidade é disputada ali na hora, na batalha. Fora disso...”

De fato, a dança é algo muito mais “produtivo” do que a briga, tem seu mérito diante do combate à violência e a drogadição. Porém, sua contribuição, como pode se vê, vem mascarada através da transferência do território de disputa e concorrência. Não deixando transparecer os interesses de classe e as contradições sociais, ou ainda, as lacunas existentes na sociedade, sendo o retrato da desigualdade social transfigurado pela desigualdade de habilidades pessoais, restrito ao campo cultural. O que tem ocorrido, é a substituição do caráter coletivo para o da competitividade. Vê-se inicialmente, a segregação entre os diversos grupos de uma mesma

forma de expressão, posteriormente entre os grupos deste grupo maior e quando não, entre os membros de uma mesma equipe.

No que tange à questão da participação dos jovens em organizações políticas é pouco expressiva. Porém, no decorrer da entrevista todos afirmam a importância destes movimentos. O grupo que mais se destaca neste questionamento é o Twister, haja vista o desenvolvimento que deram para esta questão, trazendo para debate principalmente a condição juvenil atual, relatando sobre suas experiências em seus locais de moradia.

“Eu acho importante. Ainda mais a gente que mora num bairro violento, perigoso. Tentar mudar aquele bairro, tentar mudar a mente do jovem de hoje em dia”.

“Porque hoje em dia se a gente não correr atrás mesmo do futuro, quem tá vindo aí, as crianças, os jovens... se continuar esta mente que tá hoje o negócio vai ficar sério”.

Os jovens foram questionados sobre “O que é política, de que forma vocês acham que participam da política em sua cidade e como vêem ela atualmente?”.

Alguns jovens acharam a pergunta muita ampla e isso se tornou um empecilho para que respondessem, sentiram-se “perdidos”. Em contrapartida, outros foram diretos e restringiram a pergunta à questão da política partidária, pois é esta a forma como vêem no país as diversas manifestações políticas, restrita à processos eleitorais e representantes políticos.

Assim sendo, deram margem para outros tantos questionamentos. Como fica a questão política em “tempos de não política”? Até que ponto ter ou formar uma consciência política, e isso pode começar a ser desenvolvido nas escolas e outros espaços coletivos, é algo relevante na agenda política dos governos eleitos?

Os jovens dividem suas opiniões num misto de certeza e insegurança, de afirmação e negação da condição em que se encontram. Acreditam que a participação é importante, mas não conseguem colocar na pauta do dia esta questão, não se interessam e não dedicam um tempo para tal e têm consciência disso.

“Ai a gente sempre quieto, se dá pra fazer e se não for a gente aceita. É muito apático. E eu faço parte dessa apatia”.

De fato, este é o pensamento que vem sendo disseminado na sociedade e cada vez mais os meios de comunicação, efetivando-se como aliados na exasperação do individualismo, consumismo, imediatismo, concorrência e competitividade. É algo para além da simples força de vontade, a força aí presente e da qual falamos, é muito mais forte e cruel. É força do Capital. E contra ela somente a organização política dos trabalhadores.

Neste sentido, percebe-se o lugar que a cultura juvenil vem ocupando, não conseguindo ultrapassar um caráter de lazer ou promoção pessoal. O seu caráter político-ideológico tem sido substituído por sua capacidade de controle sobre estes jovens, na medida em que age muito mais como instrumento na redução da violência e da drogadição, tirando estes jovens das ruas, do que como instrumento de organização política. A questão central passou a ser a satisfação de outros espaços da vida, a transferência do ilícito para o lícito. Outra forma de auto-afirmação perante a sociedade e sua própria formação de identidade.

“A gente tava comentando que parece uma droga, assim. Que já pega na veia. É uma coisa que não entra pelo nariz, nem pela boca, que a gente ouvi e entra pro cérebro. Nossa! É muita doideira!”.

E o que os próprios jovens entendem por juventude? Como visualizam os jovens atualmente na sociedade? É assim como o conceito de juventude não se dá de forma consensual, nem os jovens a vive de forma homogênea, as idéias que eles têm de juventude também diferem, ao mesmo tempo em que se completam.

Mas uma coisa é certa: “(...) Todo mundo fala que não precisa preocupar. Mas você tem que escolher o que você vai levar pra sua vida”. É nesta perspectiva que alguns jovens discutem a questão do trabalho e da educação como fundamentais neste processo de “crescimento” e de conhecimento do mundo, ou melhor, de primeiro contato com a vida pública e as contradições nela estabelecida.

O mínimo que foi falado e ouvido sobre estes poucos jovens, é o muito do que eles sentem e precisa ser levado em conta quando se pensa em políticas públicas de qualidade e que de fato atendam as demandas do seu público-alvo.

A necessidade de uma formação educacional sólida, a chance do primeiro emprego, a saída de casa, a formação de uma família própria, a responsabilidade. São inquietações que invadem a mente dos jovens e que muitas vezes não conseguem ser sanadas. O sonho de sair do país, a busca por novas oportunidades, a imagem que é vendida do exterior, tudo isso associado ao quadro que os próprios jovens “pintam” do Brasil, como por exemplo, a falta de espaço, de aceitação, a criminalização da condição juvenil, ser um problema social, faz com que poucas sejam as perspectivas destes jovens em relação ao futuro.

Diante deste quadro de contradições, tanto pessoais quanto sociais, como fazer da “cultura juvenil” um instrumento de mudança?

“Pode sim! Músicas de conscientização (...)”.

“Sem contar que também é um exemplo pra quem não é do Hip-Hop, pô o cara do hip-Hop ele dança, se dedica”.

“As pessoas usavam a música. A música sempre foi usada”.

Porque então, não torná-la um instrumento ativo?

“Eu acho que a questão é essa, a gente tá acomodado”.

“Um colunista do ‘New York Times’, escreveu que quando entrou a ‘Era Obama’ a produção intelectual, tanto de escrita de livros, filmes e tudo, declinou. Porque a parte do ‘Bush’ todo mundo queria protestar, todo mundo fazia filmes, fazia coisas pra protestar contra, chegou Obama é a ‘Era da Esperança’. Então assim, a música não perdeu a qualidade musical em sim, aquela coisa de protesto, de vamos lutar por algum objetivo em comum declinou, entendeu?”.

As questões estão postas, vê-se que instrumentos de luta existem, mas o atual contexto sócio-econômico busca disseminar, de forma quase que incontestável, valores e sentimentos contrários à soluções alternativas. Chegar a conclusões diferentes das encontradas nestas falas seria colocar à prova a veracidade de tais fatos. Sabe-se que, as grandes manifestações políticas da sociedade ganharam força em momentos críticos da história, mas estes momentos atualmente têm sido mascarados, sua roupagem é justamente a da esperança, da solidariedade, do voluntarismo, as chaves-mestra na corrida contra a pobreza e as desigualdades sociais.

A Cultura em suas diversas dimensões, é a forma mais clara da manifestação da consciência social, está diretamente relacionada ao processo de subjetividade do ser humano, apesar de ser um determinante sócio-histórico. Assim sendo, a cultura como forma de expressão/manifestação artística e intelectual é a que melhor retrata este processo, pois é capaz de transformar em realidade, palavras, gestos, cores e sonhos, contendo em si um poder ideológico muitas vezes subjugado.

Por ser assim, uma ação de criação e recriação de espaços tantas vezes esquecidos, a juventude encontra na cultura uma forma de superar sua anulação como sujeito histórico. Torna-se protagonista de suas próprias vontades e publiciza suas potencialidades. Nesse sentido a cultura juvenil tem sido um instrumento

de socialização da juventude e possibilidade de apropriação do espaço e mobilidade territorial. Entender as experiências comuns destes jovens e a forma como organizam suas atividades cotidianas, dentro de um contexto social amplo é o principal caminho para tecer considerações à cerca das manifestações e expressões artísticas e políticas destes jovens.

Sendo o cotidiano o espaço da ação, onde se torna possível compartilhar experiências, se apropriar da cidade e de suas instituições socializadoras, é também nele que se firmam a política e conseqüentemente os interesses de classes.

O tempo em que estes jovens, que completam 20 anos nos anos 2000, vivem, já não se parece com o da geração “hippie” e dos jovens revolucionários, eles não foram apresentados um para o outro. O que estes jovens conhecem é o tempo da imediatividade, do consumismo, da concorrência, do individualismo, não poderiam eles, de fato, reproduzirem outra realidade, pois não se reconhecem na geração passada. Mas estes jovens artistas já deram um passo a frente. Apesar de viverem entre a certeza e a insegurança constantemente, pois refletem o conhecimento construído em meio às ambigüidades, suas ações culturais contribuem para a construção de uma nova visão sobre o mundo. Já não assistem passivamente ao desenrolar das relações sociais, mas tentado ser sujeitos de sua própria história.

Por isso que se afirma que a cultura não é o fator central na luta de classes, mas instrumento importante desta história. Seja o jovem autor de uma expressão cultural ou espectador de uma manifestação crítica, com vistas à superação da condição de opressão em que o mundo está emerso.

## 4 Conclusão

É indiscutível a questão de que a aglutinação juvenil em torno da cultura cria uma identidade comum entre eles, ainda que impulsionados por interesses individuais, de ascensão ou afirmação social. Porém, suas manifestações não se reduzem a um mercado habitual de consumo, uma vez que eles se encontram no lugar da produção, no movimento de criação e recriação de possibilidades, isto os difere do espectador passivo do “consumidor da indústria cultural”. Suas práticas tendem à um exercício de construção de sua condição de sujeito, através da ampliação da autonomia, da reflexão e da integração com o outro, num espaço alternativo ao do Capital.

Sendo a cidade o local onde as contradições da sociedade se manifestam e a apropriação desta, fundamental para o exercício da ação política, os jovens pobres que vivem a cidade de forma restrita e desigual, tem seu cotidiano cada vez mais escasso e suas possibilidades restritas, assim como seu potencial questionador. Além de o contexto histórico fazer florescer neles, valores antagônicos, aparentemente incoerentes, mas que refletem exatamente um conhecimento construído a partir de ambigüidades que não estão na consciência destes jovens, mas sim na realidade em que se inserem. Afinal, a juventude é o primeiro contato com a vida pública e ter a obrigação de assimilar questões tão complexas não é algo fácil e imediato. Os jovens vivem o presente de forma muito mais intensa e talvez pela falta de perspectiva no futuro se realizam nas ações cotidianas.

Visto que as transformações culturais decorrem de mudanças na base material e vice versa, a cultura é resultado das complexas relações sociais, aparecendo como um momento importante e necessário de articulação e de afirmação da sociedade.

Desta maneira, sendo a cultura uma das formas mais nítidas de manifestação da consciência social, pode ela ser uma aliada neste processo, como difusora de novos valores e de uma outra cultura, uma vez que esta não se trata de um fazer solitário, mas coletivo, além de sua forte influência político-ideológica.

A centralidade da política está no trabalho, indiscutivelmente, mas a Cultura vem como um instrumento potencializador desta ação. Não há uma ruptura destas dimensões, elas são um todo complexo e coeso. Sua cisão se dá de forma funcional ao capitalismo, e neste trabalho buscou-se recuperá-la.

## YOUTH AND CULTURE: REFLECTING ON THE INFLUENCE OF 'JUVENILE CULTURE' IN YOUNG PEOPLE'S POLITICAL BACKGROUND

### ABSTRACT

The focus of this paper is comprehending how cultural activities can influence youth's political position and action. It is not possible to understand this matter without observing various aspects of youth's lives. Therefore, their everyday activities and city environment pose as very relevant for our study because social network is established and developed especially in quotidian relationships. Being young is living common experiences in a certain historical time so that youth should be understood in a dynamic and historical viewpoint. In this context, young people tend to live a constant rupture with *status quo* and a major objective of this work is analyzing this everyday breakthrough, especially in cultural aspects. The more restrict youth's mobility, the more restrict is their capability to question, which interferes directly in their political organization.

**Keywords:** Youth, Culture, Quotidian, Political action

### Referências

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo: n.5, p.25-36, mai./jun./jul./ago., 1997.
- BALBIM, R. A quinta dimensão do espaço cotidiano e práticas espaciais. In: SOUZA, M. A. A. de (org.). **Território Brasileiro: usos e abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 154-173, 2003.
- BARBOSA, F.; ARAÚJO, H. Juventude e Cultura. In: CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. (Org). **Juventude e Políticas Sociais na Brasil**. Brasília: IPEA, p. 223-242, 2009.
- CASSAB, M. A. T.; et al. De Revolucionários a Violentos: a questão da ação política da juventude na literatura. In: **II Encontro Regional de Pesquisadores em Serviço Social da ABEPSS - Leste/II** Semana Acadêmica do Curso de Serviço Social da FSS/UFJF, 2008, Juiz de Fora. **II Encontro Regional de Pesquisadores em Serviço Social da ABEPSS - Leste/II** Semana Acadêmica do Curso de Serviço Social da FSS/UFJF. Juiz de Fora, v. 1, 2008.
- EAGLETON, T. **A idéia de Cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- IULIANELLI, J. A. S. Juventude: Construindo processos: o protagonismo juvenil. In: FRAGA, P.C.P. e, IULIANELLI, J.A.S. **Jovens em Tempo Real**. Rio Janeiro: DP&A, p. 54-75, 2003.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MANNHEIM, K. Funções das Gerações Novas. In: Luiz Pereira & Marialice Foracchi (orgs.). **Educação e Sociedade**. Leituras de Sociologia da Educação, 1978.

OLIVEIRA, F. Política numa Era de Indeterminação: opacidade e reencantamento. In: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. S. **A Era da Indeterminação**. São Paulo. Boitempo, p. 15-45, 2007.

SCHLESENER, A. H. **Hegemonia e Cultura Gramsci**. 3. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: n.13, p. 73-91, jan./fev./mar./abr., 1999.